

Há séries ideais de eventos que decorrem paralelamente às reais. É raro coincidirem. Os homens e as circunstâncias modificam, em geral, o curso ideal dos acontecimentos, que, assim, parece imperfeito, sendo, do mesmo modo, imperfeitas as consequências dele. Tal sucedeu com a Reforma; em lugar do Protestantismo surgiu o Luteranismo.

NOVALIS, *Moralische Ansichten*.

Mesmo entre os pensadores mais lúcidos, há poucas pessoas que não tenham sido, ocasionalmente, levadas a uma vaga, embora penetrante, quási crença no sobrenatural, por *coincidências* de, em aparência, tão maravilhosa natureza que, como *meras* coincidências, o intelecto as não pôde apreender. Tais sentimentos — porque as quási crenças nunca atingem a plenitude de um *pensamento* — tais sentimentos raro são cabalmente anulados, a não ser referindo-os à teoria do acaso ou, como se diz em linguagem técnica, ao Cálculo das Probabilidades. Ora este Cálculo é, na sua essência, puramente matemático; eis-nos, pois, perante a anomalia de o que,

em ciência, há de mais rigorosamente exacto, se aplicar ao sombrio e ao espiritual da mais intangível das especulações.

Os extraordinários pormenores que sou, hoje, chamado a tornar públicos constituirão, no que diz respeito à sequência do tempo, e como se verá, o tronco primário de séries de *coincidências* pouco inteligíveis, cujo ramo secundário ou final todos os leitores reconhecerão no recente assassinato de Maria Cecília Rogers, em Nova Iorque.

Quando, em um artigo intitulado «Os crimes da Rua Morgue», eu tentava, há cerca de um ano, descrever alguns dos mais notáveis aspectos do carácter mental de um meu amigo, o Chevalier* C. Auguste Dupin, não me passava pela cabeça o retomar, em outra altura, o assunto. Tal descrição de um carácter constituía o meu desígnio; e este desígnio foi levado a cabo na impetuosa corrente de circunstâncias, com as quais procurava pôr em evidência a idiosincrasia de Dupin. Podia ter acrescentado outros exemplos, mas nada mais conseguiria mostrar. Contudo, os acontecimentos últimos, em seu surpreendente desenvolvimento, fizeram-me penetrar em outros pormenores, que arrastarão consigo a aparência de uma forçada série de identificações. Depois de ouvir o que, não há muito, ouvi, seria, de facto, estranho que me mantivesse silencioso, relativamente ao que, há tanto tempo, vi e ouvi.

Desvanecida a tragédia implicada nas mortes de Madame L'Españaye e de sua filha, o Chevalier afastou logo da sua atenção o assunto, e recaiu nos seus velhos hábitos de humor macabúzio. Propenso, a todo o momento, à abstracção, prontamente aderi ao seu estado de espírito; e, continuando a ocupar os nossos aposentos do Faubourg Saint Germain, atirámos o Futuro para trás das costas e afundámo-nos tranquilamente no Presente, disfarçando em sonhos o néscio mundo que nos rodeava.

* Em francês no texto. Analogamente com todos os nomes não traduzidos. (N. T.)

Estes sonhos, porém, não eram, por completo, ininterruptos. De boa mente se acreditará que o papel representado pelo meu amigo no drama da Rua Morgue não desaparecera da ideia da polícia parisiense. Entre os agentes, o nome de Dupin tornara-se uma palavra de trazer por casa. A singela natureza das induções, pelas quais ele deslindara o mistério, nunca fora explicada, nem ao Prefeito, nem a qualquer outro indivíduo que não eu; não é, pois, surpreendente que o caso fosse considerado pouco menos que miraculoso, ou que as faculdades analíticas do Chevalier lhe granjeassem a reputação de uma intuição. A sua franqueza tê-lo-ia levado a desengajar, de tal preconceito, os investigadores; mas o gênio indolente proibia-lhe toda a agitação ulterior de um assunto cujo interesse, para ele, deixara de existir havia muito. Deste modo, acontecia ser ele a Estrela Polar dos olhos policiais; e não poucos eram os casos em que o tentavam a entrar para o serviço da Prefeitura. Um dos mais notáveis exemplos foi o assassinato de uma rapariga chamada Marie Rogêt.

Este sucesso ocorreu cerca de dois anos depois do crime da Rua Morgue. Marie, cujos nomes próprios e de família imediatamente chamarão a atenção pela semelhança que têm com os da pobre Cecília, era a única filha da viúva Estelle Rogêt. O pai morrera durante a infância da pequena e, desde a época da morte dele até menos de dezoito meses antes do assassinio que constitui o tema da nossa narrativa, mãe e filha moraram juntas na Rue Pavée Sainte André¹; Madame Rogêt tinha, aí, uma *pension*, e Marie ajudava-a. Assim foram correndo as coisas até Marie completar vinte e dois anos; nessa altura, a sua extraordinária beleza atraiu os reparos de um perfumista, que era dono de uma das lojas do rés-do-chão do Palais Royal e cuja clientela se recrutava, de preferência, entre os perigosos aventureiros que infestavam aquelas vizinhanças. Monsieur le Blanc² não ignorava as vantagens que lhe adviriam da presença da encantadora Marie na sua perfu-

maria; e as suas generosas propostas foram aceites, com entusiasmo, pela rapariga e, com um pouco mais de hesitação, por Madame Rogêt.

As previsões do lojista realizaram-se e, em pouco tempo, graças às seduções da alegre «grisette», as suas salas se tornaram célebres. Ocupava Marie o emprego havia quási um ano, quando os admiradores habituais sofreram a decepção causada pelo seu desaparecimento súbito da loja. Monsieur le Blanc não sabia explicar a ausência dela, e Madame Rogêt estava louca de ansiedade e medo. Os jornais tomaram, imediatamente, o tema à sua conta e a polícia estava a ponto de encetar sérias investigações, quando, uma bela manhã, passada uma semana, Marie, bem de saúde mas com qualquer coisa de triste no seu ar, reapareceu no costumado balcão da perfumaria. Todas as pesquisas, excepto as de carácter privado, foram, é claro, suspensas logo. Monsieur Le Blanc continuava, como anteriormente, ignorando tudo. Marie, com sua mãe, respondia, a todas as perguntas, que passara a semana em casa de uma pessoa conhecida, no campo. E assim morreu o assunto e foi, na generalidade, esquecido, porque a rapariga, ostensivamente para se livrar da impertinência dos curiosos, não tardou em despedir-se do perfumista e a procurar o tecto da residência materna, na Rua Pavée Sainte André.

Foi uns cinco meses depois do seu regresso ao lar que a gente amiga se assustou com a sua desapareção súbita, pela segunda vez. Três dias decorreram sem que dela nada se soubesse. No quarto dia, o cadáver da rapariga apareceu flutuando no Sena³, perto da margem oposta ao Quartier da Rua de Sainte André e num ponto não muito distante do retirado arrabalde da Barrière du Roule⁴.

O carácter atroz de tal crime (porque era evidente que houvera crime), a juventude e beleza da vítima e, acima de tudo, a sua prévia notoriedade conspiraram para a criação de uma paixão intensa, no espírito dos parisienses sensíveis. Não sou

capaz de me lembrar de ocorrência semelhante que tenha produzido um tão geral e poderoso efeito. Durante várias semanas, a discussão deste tema excepcionalmente absorvente chegou mesmo a fazer esquecer os momentosos casos políticos do dia. O Prefeito efectuou invulgares diligências; e as forças da Polícia parisiense inteira foram, é claro, empregadas ao máximo.

Logo após a descoberta inicial do cadáver, ninguém supunha que o assassino conseguisse escapar, a não ser por um muito breve período, ao inquérito aberto imediatamente. Não antes de expirar uma semana, se julgou necessário oferecer uma recompensa; e, ainda assim, então, esta recompensa não ia além de um milhar de francos. Entretanto, as investigações prosseguiram com energia, embora nem sempre com discernimento, e numerosos indivíduos foram, sem resultado, interrogados; nessa altura, devido à persistente falta de um fio condutor no mistério, a curiosidade popular tomou grandes proporções. Ao fim do décimo dia, considerou-se sensata a duplicação da quantia de início oferecida; até que, esgotada a segunda semana sem se ter chegado a qualquer descoberta e porque o preconceito contra a Polícia (preconceito que se mantém, em Paris, constantemente vivo) aproveitara a oportunidade para umas tantas *émeutes* sérias, o Prefeito assumiu, ele próprio, a responsabilidade de prometer um prémio de vinte mil francos «pela denúncia do assassino», ou, caso se provasse estarem implicadas mais pessoas, «pela denúncia de qualquer dos assassinos». Na proclamação que tornava pública a oferta, era prometido completo perdão ao cúmplice que depusesse contra o companheiro; e, em apêndice ao texto geral, onde quer que este estivesse colocado, apareceu um cartaz particular, no qual uma comissão de cidadãos se comprometia a dar, como acréscimo à quantia da Prefeitura, dez mil francos. A recompensa total era, deste modo, de nada menos que trinta mil francos, no que bem pode ver-se uma soma ex-